

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**ROSECLER ORTIZ ARESTIDES PILOTTI**

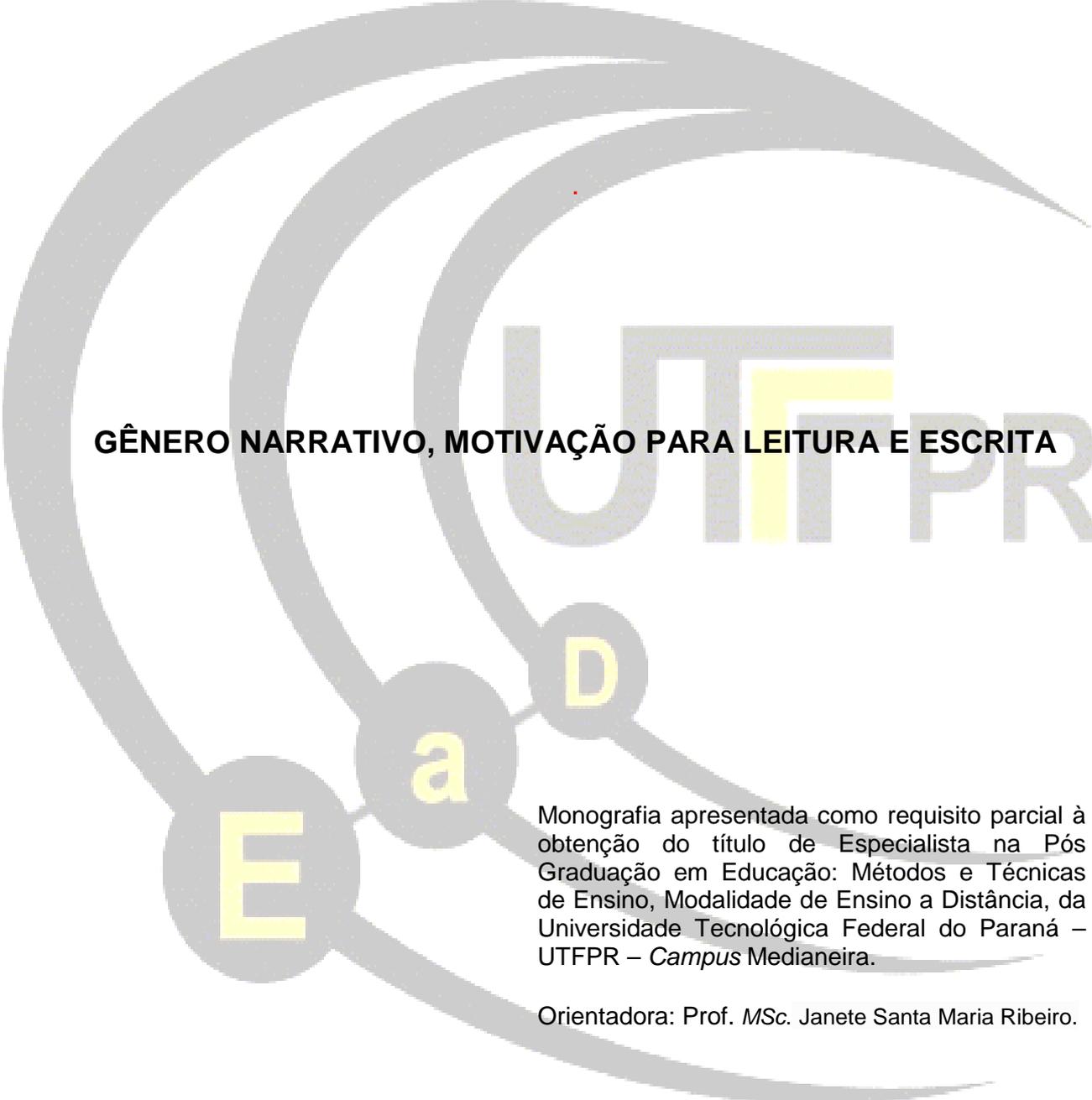
**GÊNERO NARRATIVO, MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA E ESCRITA.**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2012**

ROSECLER ORTIZ ARESTIDES PILOTTI



**GÊNERO NARRATIVO, MOTIVAÇÃO PARA LEITURA E ESCRITA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – *Campus Medianeira*.

Orientadora: Prof. MSc. Janete Santa Maria Ribeiro.

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

MEDIANEIRA

2012



Ministério da Educação  
 Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
 Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de  
 Ensino



## TERMO DE APROVAÇÃO

### GÊNERO NARRATIVO, MOTIVAÇÃO PARA LEITURA E ESCRITA

Por

**ROSECLER ORTIZ ARESTIDES**

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2012** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho .....

---

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Janete Santa Maria Ribeiro  
 UTFPR – *Campus* Medianeira  
 (orientadora)

---

Prof Dr. ....  
 UTFPR – *Campus* Medianeira

---

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. ....  
 UTFPR – *Campus* Medianeira

Dedico ao meu esposo Antonio Pilotti e aos meus filhos pela paciência e às minhas companheiras de curso que as quais dividimos carona durante o curso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida. À minha orientadora professora *M. Sc.* Janete Santa Maria Ribeiro, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Gestão Ambiental em Municípios, professores da UTFPR, *Campus* Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Não confunda derrotas com fracasso nem vitórias com sucesso. Na vida de um campeão sempre haverá algumas derrotas, assim como na vida de um perdedor sempre haverá vitórias. A diferença é que, enquanto os campeões crescem nas derrotas, os perdedores se acomodam nas vitórias.”

*Roberto Shinyashiki*

## RESUMO

PILOTTI, Rosecler Ortiz Arestides. Gênero Narrativo, Motivação para leitura e escrita ano. Número de folhas. Monografia Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

O objetivo deste estudo é investigar a influência do gênero narrativo na motivação do aluno para ler e escrever. Almejou-se neste trabalho refletir sobre as teorias de interação na leitura e escrita, focalizando a escrita como trabalho e as condições de produção, a fim de verificar se esse tipo de abordagem textual estimula essas competências. Procurando respaldo no princípio que os alunos buscam o que corresponde aos seus interesses, procura-se analisar, observar e compreender se o gênero canção, em uma perspectiva sociointeracionista, que contemple as condições de produção, motiva alunos do Ensino Médio à leitura e produção de textos. O estudo assevera que o uso deste gênero textual nas produções textuais pode ser um ponto de partida, um elo motivador para professores e alunos. Este estudo é fundamental para que possa incentivar a leitura e a escrita em sala de aula, por meio de gêneros como a narração, explorando novas formas de se trabalhar com a escrita, a criatividade, participação e interesse do aluno, favorecendo o seu desenvolvimento crítico e a autonomia.

**Palavras-Chave:** escrita, motivação, gênero narração.

## ABSTRACT

PILOTTI, Rosecler Ortiz Arestides. Genre Narrative, Motivation for reading and writing year. Number of leaves. Monograph Specialization in Education: Methods and Techniques of Teaching Method of Distance Education, Federal Technological University of Paraná, Mediatix, 2011.

The objective of this study is to investigate the influence of the narrative genre in student motivation to read and write. This work aims to reflect on the theories of interaction in reading and writing, focusing on writing as work and production conditions in order to verify that this approach encourages these textual skills. Seeking support the principle that students seek that corresponds to their interests, seeks to analyze, observe and understand the song genre, in a social interactionist perspective, covering the production conditions, AT motivates students to read and produce texts . The study asserts that the use of this genre in textual productions can be a starting point, a link motivator for teachers and students. This study is important for you to encourage reading and writing in the classroom, through genres such as narrative, exploring new ways of working with writing, creativity, participation and student interest, favoring its development and critical autonomy. PILOTTI, Rosecler Arestides Ortiz. Genre: Motivation for reading and writing years. Number of sheets. . Monografia Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

**Keywords:** writing, motivation, gender narration.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1 LEITURA E INTERAÇÃO.....	14
2.2 A ESCRITA COMO TRABALHO.....	16
2.2 GÊNERO NARRATIVO.....	18
2.2.2. PARÓDIA.....	19
2.2.3 SEÇÃO TERCIÁRIA DA SEGUNDA SEÇÃO.....	20
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
3.1 LOCAL DA PESQUISA OU LOCAL DE ESTUDO.....	22
3.2 TIPO DE PESQUISA E TÉCNICAS DA PESQUISA.....	22
3.3 COLETA DOS DADOS.....	22
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	22
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na escrita como trabalho, o professor torna-se mediador do processo de construção da escrita, formando um ponto de interação entre o educando e o educador. O aluno mostra-se sujeito de suas ações escritas, revelando a presença do 'outro' no seu texto a partir da auto-correção que efetua, agindo com, sobre e na linguagem, é um momento de reflexão sobre a linguagem, em que as expressões lingüísticas passam a ser objeto de trabalho.

A escrita é um dos principais canais de interação social, político, cultural, educacional, artístico e científico do mundo contemporâneo. Pela escrita, acessamos o mundo das palavras e comunicamos ao mundo nossas próprias palavras; reconhecemos mais claramente os outros e nós mesmos. Por isso escrever é fundamental à formação plena dos indivíduos. Cômnicos do papel da escrita na formação humana, este estudo busca refletir sobre o alcance das práticas de leitura e escrita.

É de responsabilidade de o professor conscientizar os alunos a respeito da linguagem que eles estão utilizando, fazendo com que haja a percepção da polissemia presente na fala, mostrando que esta linguagem não deve ser utilizada em todas as situações e ainda observar de modo atento que muitas vezes o que queremos dizer está implícito e o interlocutor pode não compreender ou compreender de forma distinta.

A escrita é um processo de construção e reconstrução de um saber construído, e neste processo o educando levanta hipóteses sobre a escrita, que vão sendo problematizadas ao longo do caminho.

A presente pesquisa se fundamenta na teoria sócio-interacionista de Backhtin e Vigotsky. Este define a aprendizagem considerando o conhecimento prévio (ZD Real), o processo de ampliação deste conhecimento (ZC Proximal), não permitindo que o aluno permaneça estagnado e nem ultrapasse o objetivo de chegada (ZD Potencial).

O objetivo principal deste trabalho foi pesquisar a capacidade de interação social por meio da linguagem narrativa compreendendo o caráter polissêmico dos termos utilizados nesta ação que se manifesta pelos sentidos literais e figurados da linguagem e se marcam nas diferentes situações sociais em que se realiza,

conscientizando os alunos sobre a importância da língua e fazendo com que os mesmos compreendam os diversos tipos de textos e proporcionando uma ampliação de seus conhecimentos. Com o intuito de auxiliar o trabalho docente.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Definir leitura e escrita não consiste em tarefa fácil, pois ao contrário do que possam parecer, estas são áreas complexas e abrangentes. São vários os sentidos que pode ser atribuído às idéias de leitura e escrita, podendo estes, serem restritos ou amplos. Em termos escolares, tanto a leitura quanto a escrita estão diretamente vinculadas à alfabetização, adquirindo deste modo caráter de aprendizagem formal.

No sentido restrito, são encontradas definições simplistas tanto para a leitura como para a escrita. Conforme Ximenes (2000, p. 386), “escrita é a representação de palavras ou idéias por meio de letras ou sinais convencionais”. Portanto, a escrita constitui-se num sistema de intercomunicação humana por meio de signos visíveis, visuais, ou seja, é a representação de palavras ou idéias por letras ou sinais.

Já a leitura é o ato de percorrer os olhos (visão) sobre algo que está escrito, decifrando e interpretando as palavras e o sentido do texto, constituindo aquisição da decodificação e interpretação dos símbolos alfabéticos e dos textos. (XIMENES, 2000). No entanto, pesquisadores de renome tais como Emília Ferreiro e Luiz Carlos Cagliari, entre outros, já provaram através de pesquisas e estudos a complexidade que envolve ambos os processos.

A leitura, tanto quanto a escrita, consiste em atividade bastante intrínseca. Nesta perspectiva, não há como falar de leitura sem falar de escrita ou vice-versa, pois segundo Cagliari (2002, p. 152) “a leitura é uma atividade ligada essencialmente a escrita”, assim o ato de decodificar um texto requer o entendimento também de codificá-lo através de várias linguagens.

Neste sentido, Ferreiro (1992, p. 79) diz: 3 [...] eu digo escrita entendendo que não falo somente de produção de marcas gráficas por parte das crianças; também falo de interpretação dessas marcas gráficas. [...] algo que também supõe conhecimento acerca deste objeto tão complexo – a língua escrita –, que se apresenta em uma multiplicidade de usos sociais.

É de grande importância ressaltar que a leitura e a escrita são atividades fundamentais para o desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo, pois dentro e fora da escola e por toda vida, o domínio ou não de ambas facilitará ou não o crescimento intelectual.

Já a leitura conforme Martins (1982) pode ser conceituada como sendo um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas que se dá a conhecer através de várias linguagens. Portanto a leitura e a escrita não se limitam, apenas, à decifração, a codificação e a decodificação de sinais gráficos. É muito mais do que isso, exige do indivíduo uma participação efetiva levando-o a construção do conhecimento.

A linguagem é imprescindível na sociedade, é à base de toda comunicação. Cabe a escola preparar o aluno, a saber, a linguística, considerando o conhecimento prévio que ele já tem e quanto maior for a sua dificuldade (letramento baixo), maior também será a responsabilidade do professor em prepará-lo a interpretar os vários tipos de textos que são encontrados não só nos livros, mas na internet, na TV, em músicas, anúncios, entre outros.

Sabe-se que um dos principais problemas na educação da atualidade é a dificuldade que os educandos têm de ler e produzir textos. Essa é uma reclamação constante não só pelos professores da disciplina Língua Portuguesa, mas de toda a categoria docente.

A leitura proficiente tem infinitas possibilidades. Ela começa pelos olhos, mas vai além deles, pois necessita de um elemento fundamental para a compreensão, que é o conjunto de conhecimentos prévios relacionados ao assunto do texto lido. Também faz parte desse processo de compreensão, o tipo de linguagem utilizada no texto, que pode facilitar ou dificultar a leitura. Se o leitor não domina o tipo de linguagem do texto, dificilmente vai chegar a uma compreensão satisfatória porque os olhos se apóiam no significado daquilo que vêem. Se o leitor não conseguir encontrar significação na linguagem, não vai conseguir fazer uma boa leitura, vai apenas decodificar os símbolos escritos, mas não vai chegar a uma compreensão efetiva e o ato de ler se perde em sua essência.

Infelizmente, é a leitura de decodificação que tem predominado entre a maioria dos estudantes. Esse fato pode ser facilmente observado quando não conseguem alcançar o significado de simples comandos de atividades corriqueiras de sala de aula, o que tem reflexo também nas produções de suas respostas a questões sintático-semânticas, já que o ato de escrever está sendo reduzido apenas às atividades de cópia, inclusive nos trabalhos de pesquisa. Isso tem gerado uma verificação de um nível de aprendizagem insatisfatório.

Essa é uma realidade que deve ser combatida urgentemente, em favor de uma educação de qualidade, que leve realmente o educando a construir conhecimentos críticos sobre a realidade apresentada, e não só absorver informações dadas como verdades absolutas e não passíveis de contestação.

Em outro nível, a questão da leitura não deve estar condicionada à ideia de que sua fomentação está aliada somente à formação de alunos leitores. É necessário que todos estejam envolvidos neste processo, pais e professores. Então, para este projeto, a tarefa principal é promover essa motivação para a leitura e escrita nos estudantes a partir da disseminação do projeto entre as famílias e o educador, pois se acredita que somente através do interesse da comunidade escolar como um todo é que se pode alcançar um bom desempenho escolar em que as competências e habilidades de leitura e escrita se sobressaiam na busca do conhecimento.

No Ensino Fundamental a linguagem acontece como uma ação interindividual orientada, ou seja, é um processo que depende do interlocutor. A interação ocorre em todo lugar, tanto em uma conversa informal quanto formal (redação, produção de uma crônica, etc.).

## 2.1 LEITURA E INTERAÇÃO

A leitura consiste em uma prática social, na qual o sujeito leitor e o sujeito autor revelam na leitura marcas da individualidade e do lugar social de onde provêm, portanto a leitura é, em primeiro lugar, uma habilidade que dá ao leitor a condição de revelar-se como ser humano. Propicia a obtenção de informações em relação a qualquer contexto e área do conhecimento, assim como pode constituir-se em fonte de entretenimento. Para uns, atitude prazerosa, para outros, um desafio a conquistar.

A esse respeito a DCE (2006), vincula o conceito de leitura da seguinte forma: “Como uma co-produtora de sentidos, onde o leitor, nesse contexto ganha o mesmo estatuto do autor e do texto.”

Observando e analisando o conceito de leitura, defendida pela DCE (2006), podemos perceber como co-produção, a concepção de que texto nunca está

acabado, pois apresenta espaços lacunares que serão preenchidos de acordo com as condições sociais, ideológicas e culturais do leitor. Dessa forma a leitura tem que desenvolver uma atitude crítica no leitor, fazendo com que ele construa seu próprio significado.

Da mesma forma a DCE (2006) afirma que a leitura auxilia o contato do aluno com uma ampla diversidade de textos produzidos numa variedade de práticas sociais. Nessas condições ler possibilita aos indivíduos se comunicar de igual para igual com o restante da humanidade, seja no tempo, ou no exato momento. Infelizmente muitas pessoas não possuem essa visão. Como mostra o último PISA (Programa Internacional de Avaliações de Alunos), colocou o Brasil em último lugar entre os 32 países avaliados, quanto à capacidade de leitura assimilação e interpretação do texto.

Portanto, para que se trabalhe nessa concepção é necessário que a leitura não seja somente centrada nos livros didáticos. O professor deve propor variedades de textos, que possam desenvolver a subjetividade dos alunos, considerando a preferência e opinião deles ao selecioná-los.

Também é necessário que a escola não deixe de lado as linguagens não verbais. É de suma importância que seja trabalhado a leitura de imagens, como fotos, cartazes, propagandas, imagens digitais e virtuais, figuras que povoam com intensidade crescente nosso universo cotidiano, deve contemplar o multiletramento mencionado na fundamentação teórica.

As atividades realizadas através da leitura permitem que o leitor perceba seu papel na interação com o texto, porque este carrega em si ideologias, mas somente a partir da visão de mundo de quem o lê é possível estabelecer relações que venham aceitar o refutar os valores ali presentes.

Dessa forma, o trabalho com a leitura implica reconhecer a incompletude dos processos discursivos, os vazios que eles apresentam e estão implícitos, propostos, subentendidos e que devem ser preenchidos pelo leitor como é proposto pela (DCE, 2006).

Essa reflexão nos permite reconhecer que toda leitura envolve uma produção, e não uma extração simplesmente de sentidos. Cabe então ao leitor, perceber as estratégias de manipulação presentes no texto, o que o torna um sujeito ativo, e não um sujeito passivo.

Segundo Menegassi (2005), o papel do professor é instigar o aluno a ler os textos primeiramente fazendo com que os alunos explorem os seus conhecimentos externos. Ler na perspectiva do leitor é atribuir significados ao texto, sendo que a obtenção do significado não se dá de um procedimento linear, palavra por palavra, mas sempre pó força da contribuição do leitor, dos conhecimentos armazenados em sua memória, isto é, dos conhecimentos prévios.

Tais procedimentos fazem com que os alunos leiam, ou passem a ler com mais motivação tornando cidadãos críticos, permitindo que eles percebam o seu papel na interação com os textos. Contudo, “A leitura amplia nossas referências de mundo, faz relações entre elementos do próprio texto e a realidade social, sendo assim, uma oportunidade de desenvolver o senso crítico” (BENCINI, 2006).

## 2.2 A ESCRITA COMO TRABALHO

Podemos dizer que a escrita como trabalho não se confunde com uma ação, resultante da inspiração do indivíduo, mas do seu esforço, uma vez que envolve um processo contínuo, no qual o texto é um elo de interação social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) orientam que o objetivo das aulas de língua materna é desenvolver a competência comunicativa do aluno, ou seja, a capacidade de produzir e interpretar textos. É por isso que o texto é a unidade básica de ensino. Consoante esse documento, para aprender a escrever é necessário termos acesso à diversidade de textos escritos, que circulem socialmente e não apenas dentro da escola, oportunizando ao aluno situações reais de escrita em sala de aula, que estejam voltadas ao aprendizado da linguagem.

A partir da visão da linguagem como interação, percebeu-se que as apropriações dos elementos constitutivos da escrita deveriam ocorrer a partir de um aprendizado mais significativo, não mais por meio de sílabas e palavras isoladas, e sim por meio de textos.

Freinet (1985) reforça essa idéia ao afirmar que a aprendizagem na escola, deve ser viva, isto é, deve valorizar a prática experimental e não uma prática de

linguagem vazia, que não considera o que o aluno já sabe, não oferecendo ferramentas necessárias para que ele futuramente insira-se na própria sociedade.

É de grande importância ressaltar que leitura e escrita são atividades fundamentais para o desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo, pois dentro e fora da escola, o domínio ou não de ambas facilitará ou não o crescimento intelectual. Sendo assim, é notória a importância tanto da escrita quanto da leitura no desenvolvimento intelectual do ser humano.

Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita, (...) é a leitura (CAGLIARI, 1995).

Da mesma forma, Vygotsky (1984) complementa essa visão, pois a escrita deve ter significado para o aluno, sendo uma necessidade intrínseca, uma tarefa relevante e necessária para a vida. Somente deste modo, poderemos estar certos que a escrita é uma forma complexa da linguagem.

Hilda (1999), ao pesquisar tarefas de escritas passadas por professores, como lição de casa, confirmou que a maior frustração dos alunos é não terem as suas tarefas corrigidas às vezes, nem sequer lidas. Isso vai contra uma das principais características do aluno que é a busca do próprio desafio.

Além do interlocutor, existem condições necessárias à produção de um texto: “Ter o que dizer”, “Ter para quem dizer”, “Ter uma razão para dizer” e “Como dizer”.

Entretanto, Hilda (1999) ressalta que a ideia principal é que o professor ofereça condições para que o aluno amplie seu repertório de mundo. Dessa forma, o aluno precisa sentir que escrever seja algo importante, em que a experiência do vivido passe a ser o objeto inicial de reflexão na escola, “o vivido é, portanto, o ponto de partida para reflexão”. (HILDA, 1999)

Consoante Tonucci (1977), o grande absurdo de muitas escolas é que se escreve nada para ninguém, exigindo certo esforço do educando para que aprenda a escrever somente para demonstrar que sabe escrever.

Ao propor uma atividade de escrita o professor deve orientar seus alunos, desde as primeiras produções, a respeito dos momentos ou das fases da escrita. Se

desde as séries iniciais, o aluno encarar esses momentos como naturais ao processo de escrita, gradativamente, com a mediação do professor, ele alcançará processos de elaboração de textos mais ricos e complexos.

A revisão e reescrita devem ser adotadas como procedimentos corriqueiros em sala de aula. Freinet (1994) ao reforçar que as atividades de reescrita, quando mal entendidas ou mal planejadas, feitas de forma repetitiva e intediante, tendem a afastar o aluno da própria língua, o trabalho com a escrita deve ser visto como uma etapa significativa, que permita ao aluno avançar gradativamente, em sua própria aprendizagem.

### 2.2.1 Gênero Narrativo

A narração é, sem dúvida, uma das mais valiosas formas de expressão da humanidade, constitui-se basicamente de uma sucessão de histórias organizadas ao longo do tempo.

Desse modo é considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana. Assim, não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações próprias. Sabe-se que existem evidências de que a narrativa é conhecida e praticada desde a pré-história. Provavelmente, através da observação dos fatos da natureza tenha despertado no homem, através do sentido auditivo, a necessidade ou vontade de uma atividade que se baseasse na organização de sons.

Tais características sobre o gênero narração mostram que esse Gênero textual é de grande circulação social como rádio, TV etc. e sua aceitação e uso na sociedade, vão se definindo e sendo marcados de acordo com a camada específica que faz suas escolhas, propiciando, assim, a circulação desse gênero nas várias camadas da sociedade.

Nessas condições definir narrativa não é tarefa fácil, pois apesar de ser intuitivamente conhecida por qualquer pessoa, é difícil encontrar um conceito que abarque todos os significados dessa prática. Segundo Visconti (2002) “o ensino narrativo na escola e, através dele, o acesso do jovem aos bens culturais, é a solução salvadora, na área da narrativa, para as próximas gerações”.

A esse respeito, Costa (2002), relata que por dificuldades diversas, a narrativa vem perdendo espaço dentro da escola. Tal problema acontece, devido à necessidade de introduzir a narrativa no contexto escolar e dar a oportunidade aos adolescentes de tomar contato, experimentar e vivenciar a história.

De acordo com Costa (2002), vários estudos comprovam a importância da narrativa ao ser humano, especialmente às crianças em fase de desenvolvimento e aprendizado do mundo, e aos adolescentes, como forma de expressão ou substituir a tão famosa “rebeldia” característica da idade. As vantagens que a prática narrativa nesta fase proporciona, seja pela expressão das emoções, pela sociabilidade, pela disciplina, pelo desenvolvimento do raciocínio, são valiosíssimas, e são para a vida toda.

Em suma, o trabalho com a narrativa, possibilita uma variedade de modos de percepção e sensação do aluno na sua relação com o mundo, através dos recursos expressivos de que dispõe o seu organismo para a comunicação e o conhecimento.

Alguns desinteressados, com pouca concentração e baixo comprometimento apresentando superficialidade em suas relações com ensino, aprendizagem de língua escrita precisam ser incitados a experimentar formas de apreensão da linguagem, mesclando estilos e procedimentos, proporcionando maior abertura para o diálogo, aliando experiências e vivências com as possibilidades do encontro com o novo.

Dentro deste quadro, levando-se em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais e o novo perfil de cidadão que hoje se espera, o momento é de redefinição do ensino da narração.

Segundo os PCN “as oportunidades de aprendizagem dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior”. Para que o ensino da escrita chegue a ser um veículo de conhecimento e contribua para uma visão intercultural e alternativa frente à homogeneização da atual cultura global e tecnológica é necessário partir de uma idéia clara, concreta, que viabilize ações conectadas à vida real. Gerando um valor significativo no processo de educação escolar.

Desse modo, a narrativa na escola pode fazer parte do cotidiano, através da vivência das dimensões estéticas, sonoras, visuais, plásticas e gestuais,

desenvolverem a consciência crítica valores humanos e encontrar meios de levar os alunos a atuarem como cidadãos.

Com isso, a educação, de um modo geral, particularmente, deve considerar as fantasias, os sentimentos e os valores, como também as habilidades cognitivas, a pesquisa, a descoberta, a criação, a reflexão, levando o aluno a “sentir” em primeiro lugar (absorção), “interiorizar” (pensar), para depois “fazer” (comunicar), através dos conteúdos que se pretenda atingir.

Assim, de acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais (2006), o professor deve estar atualizado, para deparar com avanços ocorridos no relato pode ser compreendido como o multiletramento.

O multiletramento pode ser entendido como a compreensão e a produção de textos, não apenas se restringindo ao texto verbal oral ou escrito, mas a capacidade de se relacionar com as diversas modalidades da linguagem, sendo música, charges, gráficos etc. Porque o texto não implica apenas a formalização do discurso, oral ou escrito, mas o evento que abrange o antes, isto é, as condições de produção e a elaboração do depois a leitura e a resposta ativa, o texto lança seus sentidos no diálogo intelectual que o antecederam, lançam também seus sentidos adiantes no devir que as composições da leitura suscitarão com forma de dar-lhes oportunidade diante de texto, não se torna mais adequado o que ele quer dizer, mas como é que ele funciona, sendo um mediador do leitor com o mundo.

A produção da escrita de diferentes tipos de texto é a noção de uma escrita com subjetividade, além disso, a possibilidade de criação, no exercício dessa prática, permitindo que o aluno amplie seus conhecimentos.

### 2.2.2 Paródia

A Paródia é uma imitação, que geralmente possui efeito cômico, utilizando a ironia e o deboche. Ela geralmente é parecida com a obra de origem, e quase sempre tem sentidos diferentes. Na sala de aula, a paródia é um processo de intertextualização, com a finalidade de desconstruir um texto.

Sant'Anna (1991) acrescenta que “a paródia se define através de um jogo intertextual”. Nesse contexto, o autor postula que a linguagem começa a realizar um

exercício onde ela se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos, onde o texto pode sofrer desvios. Quando se fala nestes gêneros intertextuais, o leitor é o elemento de maior relevância, pois ele precisa conhecer os textos de origem com os quais a paródia dialoga, para que possa entender a significação plenamente. Por isso, a paródia se configura como um gênero contemporâneo, onde o leitor tem uma função mais ativa na sua interpretação.

“Aqui, como na estilização, o autor emprega a fala de um outro; mas, em oposição à estilização, se introduz naquela outra fala uma intenção que se opõe diretamente à original. A segunda voz, depois de e ter alojado na outra fala, entra em antagonismo com a voz original que a recebeu, forçando-a a servir a fins diretamente opostos”. (Baktin, in Santanna p. 14, 1991)

A paródia parte da recriação de uma obra já existente e, em geral, célebre. Seu objetivo é adaptar a obra original a um determinado contexto, submetendo-a a uma versão mais despojada, e aproveitando o sucesso da obra original para atrair o público. A paródia desarranja o sentido do texto original, provoca uma inversão de sentidos e um conseqüente deslocamento, produzindo um efeito engraçado.

Segundo o dicionário de literatura de Brewer: "*paródia significa uma ode que perverte o sentido de outra ode (grego: para- ode)*" Essa definição implica que originalmente a ode era uma poema a ser cantado, sendo a origem, portanto, musical. O termo, embora institucionalizado a partir do século XVII, já existia há muito tempo. O gênero era caracterizado como uma inversão à Epopéia, ao trabalhar o humor degradando os heróis e os apresentando no cruel cotidiano.

Para Hutcheon (1985), a paródia pode ser desestabilizadora, transgressora, mas pode também ser conservadora, pois é, por natureza, uma transgressão autorizada.

“A paródia é, ao mesmo tempo, duplicação textual (que unifica e concilia) e diferenciação (que coloca em primeiro plano a oposição irreconciliável entre textos e entre texto e ‘mundo’).” (Hutcheon, p. 129)

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apresenta nuances de estudo de caso que visa verificar, analisar e observar a reação dos alunos de uma turma do 1º ano do Magistério, de um colégio da rede pública do noroeste Paranaense, diante de um trabalho de leitura e produção de textos. Optou-se por realizar o estudo com este público por ser um curso de formação de professores e, assim, possibilitar o desenvolvimento da motivação pela escrita e leitura e, também, para experienciar o conhecimento de novas metodologias diante da escrita como trabalho, envolvendo as condições de produção.

#### 3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada numa turma de Primeiro Ano Formação de Docentes, no Colégio Estadual Guilherme de Almeida, na cidade de Loanda-PR.

#### 3.2 POPULAÇÃO AMOSTRA

O ambiente de pesquisa configura-se em uma sala composta por 24 alunos, sendo 23 do sexo feminino e 01 do sexo masculino, com faixa etária entre 15 e 40 anos. Esses alunos, em sua maioria, são do próprio município, sendo que outros se deslocam de municípios vizinhos e do campo. Nesse curso, há 04 aulas semanais de Língua Portuguesa, objetivando a formação efetiva de profissionais na área da educação.

#### 3.3 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada através de **Pesquisa Exploratória**

Para Gil (1999, p.43) que “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”. Além disso, o mesmo autor enfatiza que a pesquisa exploratória pode ser a primeira etapa de um projeto maior um estudo de

caso é caracterizado pelo estudo O caráter exploratório configura esta pesquisa, visto que se busca abordar O caráter exploratório configura esta pesquisa, visto que se busca abordar O caráter exploratório configura esta pesquisa, visto que se busca abordar um tema pouco estudado na literatura, que são as percepções da qualidade de serviços odontológicos, segundo os pacientes e os cirurgiões-dentistas, bem como seu cruzamento de informações, a fim de identificar possíveis lacunas na prestação de serviço e de se conseguir um melhor delineamento das estratégias. Triviños (1987, p. 109) afirma que “normalmente, após a pesquisa exploratória inicia-se uma pesquisa descritiva”.

O caráter descritivo, por sua vez, “pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVINÓS, 1987, p.110). Gil (1999) e Richardson (1999) corroboram com tal afirmação, ao inferirem que estudos descritivos, como o próprio nome sugere, são aqueles que descrevem e identificam as características de determinada população, fenômeno ou situação.

### 3.3 COLETA DE DADOS

Neste estudo, indagou-se se o gênero canção motiva os alunos de um 1º ano do Magistério à leitura e à produção textual, frente a um trabalho envolvendo as condições de produção, dentro da perspectiva sociointeracionista.

A fim de verificar a visão que os alunos possuem sobre a leitura e a produção textual desenvolvida na escola, aplicou-se um segundo questionário com os alunos desta turma, no qual eles puderam expressar o que eles realmente pensam sobre a leitura e escrita na sala de aula.

Elaborou-se, ainda, um diário de sala, para registrar os eventos e observar a reação dos alunos em diferentes momentos da aula, anotando todos os procedimentos ao término de cada aula. Cabe, ainda, elucidar que essa pesquisa seguiu a seguinte estruturação:

1. Aplicação de questionário a fim verificar qual a visão do aluno sobre leitura e produção textual na escola;

2. Análise das atividades: 1º momento - Trabalho da música escolhida, seguida da análise e, também, da definição de paródia; 2º momento - Realização, em sala de aula, das paródias referentes à música trabalhada anteriormente, para, assim, dar suporte à escrita como trabalho; 3º momento - Auxílio aos grupos com dúvidas em relação ao trabalho de pesquisa e produção de paródia; 4º momento: Apresentação das paródias.

3. Análise a cerca da motivação.

4. Aplicação e análise do segundo questionário com a finalidade de observar as diferentes motivações no decorrer do trabalho.

Ao fim do trabalho, aplicou-se um terceiro questionário com a finalidade de analisar mais profundamente a opinião do aluno diante da leitura e da escrita após a realização deste trabalho. Para isso utilizou-se de outro questionário com questões abertas, enfocando as diferenças entre a primeira e a segunda visão do aluno quanto à leitura de textos e produção textual e, também, qual o nível de sua motivação frente a um trabalho como esse. Identificou-se os alunos por números, para maior sigilo de suas identidades.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise foi realizada a partir das respostas e participação dos alunos nos trabalhos desenvolvidos como parte da análise. Com base nesse estudo, percebeu-se que do mesmo modo que se busca o saber cultural do aluno para estimular o aprendizado e alcançar resultados promissores, é importante, também, que se promova a autoestima, buscando motivar o educando para a aprendizagem, através de assuntos de seu interesse.

Ao propor essa análise sobre a motivação dos alunos frente a um trabalho envolvendo gênero canção, pretendeu-se desvendar a influencia que este gênero exerce sobre a motivação do aluno e verificar, por meio da teoria, se o gênero textual estimula a motivação no trabalho com a escrita.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento desta pesquisa, realizou-se um levantamento de dados entre os alunos, a fim de descobrir qual seria o gênero canção (estilo musical) que mais despertava o interesse desse grupo especificamente. Ao término deste levantamento, obteve-se o seguinte resultado: dos 24 alunos pesquisados, 46% preferem o estilo *Romântico*; 21% preferem *Rock*; 17% alegaram gostar do estilo *Sertanejo*; 8% declaram que preferem *Pop* e outros 8% gostam do estilo *MPB*.

Dessa forma, constatou-se que a maioria, ou seja, 46% dos alunos apreciam o estilo musical Romântico. Partindo desse resultado, optou-se por trabalhar com esse gênero devido à empatia que eles demonstraram. Sendo assim, selecionou-se a música *Fico assim sem você*, na voz da cantora Adriana Calcanhoto, acreditando que a mesma correspondesse às expectativas dos alunos e, também, devido à significação e elaboração de estruturas e sentidos desse texto. Decidiu-se, também, levar para a sala de aula um clipe animado da música, com imagens ilustrativas, para que fosse possível despertar ainda mais o interesse do aluno, aumentar a motivação, criando um clima de entrosamento e analisar, quais as sensações e emoções, a música causaria neles.

Baseando-se nas reações dos alunos e de acordo com os pressupostos teóricos, observou-se que a maioria dos estudantes tem maior motivação pela produção textual trabalhada através do gênero canção. Acreditamos que eles tenham esta forte identificação, devido à grande proximidade dos elementos musicais na sua realidade e a empatia com as músicas, portanto, inferimos que este fator possa motivá-los à produção de textos, levando-os à escrita de textos competentes e críticos.

Por isso, ressaltamos que, professor deve ter como ponto essencial, empatia dos alunos por determinado gênero textual. Consoante Geraldini (1984), devemos considerar os interesses, o desenvolvimento intelectual e as experiências de vida e de leitura dos estudantes, para assim conseguir envolvê-los ativamente em um trabalho na sala de aula.

De acordo com Visconti (2002), a música não deve ser pensada somente para animar festa, mas sim para desenvolver nos educadores a consciência crítica, levando-os a atuarem como cidadãos.

Notaram-se consoantes as que a interpretação e compreensão de letras de música não são uma atividade muito comum à vida escolar, pois quando é trazida para a sala de aula não é interpretada de forma coerente, analisando todos os seus aspectos musicais. Conforme Costa (2002), muitas vezes o gênero canção é trabalhado de forma errônea no âmbito escolar. O autor afirma que em um trabalho com este gênero, o professor deve considerar, além da melodia, as condições de produção da letra, transformando, assim, a sala de aula em um espaço de aprendizagem prazerosa.

De fato Visconti (2002) afirma que um trabalho em sala de aula embasado no gênero canção, permite-nos uma infinidade de diferentes percepções e sensações no contato com a realidade. Portanto, o objetivo do trabalho com base no gênero canção é o de formar um ouvinte e leitor crítico e proporcionar ao educando “uma educação de sentidos e de percepção crítica”(COST, 2002, p.110).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o propósito de analisar e compreender se o gênero narrativo, em uma perspectiva sociointeracionista, contemplando as condições de produção, como motivação aos alunos à leitura e produção textual. Com respaldo nesta pesquisa acreditamos que os alunos se dispõem a aprender o que lhes motiva aquilo que lhes interessa. Com isso notamos, também, que a escrita como trabalho subsidiado pela diversidade textual e considerando os interesses dos alunos, pode funcionar como um ponto de partida com efeito motivador para educadores e educandos.

As reflexões feitas neste trabalho mostram a necessidade e a importância da presença da diversidade textual nas aulas de produção de textos, motivou, contribuiu e incentivou a leitura e a escrita em sala de aula. Por meio de gêneros textuais diversos, o educador descobre novas formas de se trabalhar com a escrita em sala de aula, estimulando a criatividade, participação e interesse do aluno e favorecendo o seu desenvolvimento crítico e a autonomia.

## REFERÊNCIAS

- BENCINI, R. Todas as Leituras. Revista Nova Escola, Brasília: v. 21, n. 194, p. 31, ago. 2006.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. Paródia e estilização: paralelos. In: Paródia, paráfrase e Cia.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.
- COSTA, N. B. da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. Gêneros Textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 107-121.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: .... 13.3
- MARTINS, Ismael. O contexto escolar, 1982.
- PARANÁ, Secretaria do Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Diretrizes Curriculares da educação fundamental da rede de educação básica do Estado do Paraná: versão preliminar. Curitiba: 2006.
- COSTA, N. B. da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. Gêneros Textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 107-121.
- PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, (1998).
- FREINET, C. A pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FERREIRO, E. Com todas as letras. Tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução de textos Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREINET, C. A pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- GERALDI, J. W. O texto em sala de aula. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GERALDI, J. W. Portos de Passagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.
- MENEGASSI, R. J. (org.) Leitura e ensino. Maringá: EDUEM, 2005.
- MEURER, J. L.; ROTH, D. M. (org.) Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.
- NIUE/UFRGS, Para além da aula de Língua Portuguesa. In: Práticas de Leitura e Escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

PARANÁ, Secretaria do Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Diretrizes Curriculares da educação fundamental da rede de educação básica do Estado do Paraná: versão preliminar. Curitiba: 2006.

ROSSINI, M. A. S. Aprender tem que ser gostoso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

TONUCCI, Francesco. Por uma escola alternativa. Barcelona, G.R.E.C, 1977

VISCONTI, M.; BIAGIONI, M. Z. (org.). Guia para educação e prática musical em escolas. 2. ed. São Paulo, SP: Abemúsica, 2002.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

WALTY, I.; PAULINO, G. (org.) Teoria da literatura na escola. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1994.

## ANEXO:

### Questionário

- 1) Qual seu estilo de música preferida?
- 2) Qual seu cantor ou grupo musical preferido?
- 3) Qual sua música preferida?

As reflexões feitas neste trabalho mostram a necessidade e a importância da presença da diversidade textual nas aulas de produção de textos, motivando, contribuindo e incentivando a leitura e a escrita em sala de aula. Por meio de gêneros textuais diversos, o educador descobre novas formas de se trabalhar com a escrita em sala de aula, estimulando a criatividade, participação e interesse do aluno e favorecendo o seu desenvolvimento crítico e a autonomia.

Baseados na análise feita com os dados coletados constatam que o gênero canção, apoiado em uma perspectiva sociointeracionista, que contemple as condições de produção, motiva alunos quanto à leitura e produção de textos.

Observamos que o gênero canção é um gênero textual que interessa e motiva os alunos, portanto, concluímos que a hipótese desta pesquisa se mostrou verdadeira, que puderam ser analisadas durante este estudo, o trabalho de escrita subsidiado pelo gênero textual que os mesmos indicaram e apreciam é realmente motivador.